



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL  
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA  
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS  
LICENCIATURA EM LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA**

**VALDIMIRO DIAS ESTEVES**

**A COLOCAÇÃO PRONOMINAL DO PORTUGUÊS DE LUANDA:  
UM ESTUDO A PARTIR DO *RAP***

**SÃO FRANCISCO DO CONDE**

**2021**

**VALDIMIRO DIAS ESTEVES**

**A COLOCAÇÃO PRONOMINAL DO PORTUGUÊS DE LUANDA:  
UM ESTUDO A PARTIR DO RAP**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa do Instituto de Humanidades e Letras dos Malês da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciado em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Ferreira dos Santos.

**SÃO FRANCISCO DO CONDE**

**2021**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Sistema de Bibliotecas da Unilab  
Catalogação de Publicação na Fonte

E84c

Esteves, Valdimiro Dias.

A colocação pronominal do português de Luanda : um estudo a partir do *rap* /  
Valdimiro Dias Esteves. - 2021.

52 f. : il. mapas, color.

Monografia (graduação) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês,  
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2021.  
Orientador: Prof. Dr. Eduardo Ferreira dos Santos.

1. Língua portuguesa - Gramática. 2. Língua portuguesa - Luanda. 3. Rap (Música)  
- Luanda. I. Título.

BA/UF/BSCM

CDD 469.509673

**VALDIMIRO DIAS ESTEVES**

**A COLOCAÇÃO PRONOMINAL DO PORTUGUÊS DE LUANDA:  
UM ESTUDO A PARTIR DO RAP**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa do Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciado em Letras.

Aprovado em 14 de abril de 2021.

**BANCA EXAMINADORA**

**Prof. Dr. Eduardo Ferreira dos Santos (Orientador)**

Doutor em Letras – Universidade de São Paulo (USP)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lídia Lima da Silva (Examinadora)**

Doutora em Letras – Universidade de São Paulo (USP)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Manuele Bandeira de Andrade Lima (Examinadora)**

Doutora em Letras – Universidade de São Paulo (USP)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

## AGRADECIMENTOS

Muito obrigado ao meu Deus todo poderoso Jeová por toda orientação e sabedoria, desde tenra idade.

Aos meus pais: Júlio Esteves e Lembinha Dias Esteves. Meu amado filho Jucelmo e sua mãe Domingas.

Ao meu grande e eterno mestre professor Eduardo Ferreira dos Santos por toda orientação e por toda paciência que tive comigo. Sem ele, com certeza, este trabalho jamais estaria completo.

À Alana por tudo que faz por mim e que dinheiro nenhum consegue pagar;, cá fica meu eterno obrigado. À sua toda família: mana Ayala, mano Yago, Letícia, Lucas, Ana Júlia, mano Luciano, mainha (Dona Marlene), tio Klebe e painho (senhor Alberto). Agradeço-vos com a alma e a vida por tudo.

Aos meus irmãos de sangue: Octávio, Ester, Ruth, Jovete, Debora, Ani, Leo, Tininha e Joice, obrigado por existirem. Amo-vos de milhões.

À minha sobrinha Anilda, minha cunhada Yola. Ao meu irmão Dumilde Carvalho Artur;, cá fica meu eterno obrigado por toda verdade e sincera amizade.

Aos meus professores todos, em especial a professora Lidia, Sabrina, Alexandre, Manuele e Igor;, cá fica meu eterno obrigado por partilharem, generosamente, comigo toda vossa sabedoria.

Aos meus colegas da turma e amigos que levarei para vida toda: Weverton, Mathews, Gideon, Ana Kézia, Manoela, Natali, João Vitor, Andreia, Milanca, Lauci, Valmira, Luciana, Ana Lúcia e o grande Genival. Genival é outro grande mestre que a vida me deu. Muito obrigado por tudo, Genival, você não sabe o quanto suas palavras me ensinam e fortalecem.

Aos meus eternos irmãos da rua e da vida: Paulino Mussungu, Walter Lopes, Leo Cacoba, Armando e Dule. *We are on 4life*, meus manos.

Aos meus irmãos do Politécnico: Vado Aoba, meu mano Kilson, Alfredo, muito obrigado por existirem.

Ao meu *kota* Alonso e minha cunhada Ana. Aos meus irmãos da vida: Eugênio, Faustino, Edmilson, Romualdo, Cândido, Israel e Isidro. À brinquedoteca de história, professora Ana Rita, Belisa Amaral e Gabriel; muito obrigado por tudo.

À Larisa e Enzo, meu bairro Sacriberto; ao meu irmão Yuran, meu *kota* Gilberto e meu *kota* Niy.

À UNILAB e ao Brasil pela oportunidade de formação que me deram; cá fica meu muitíssimo obrigado!

A lista é grande. A todos que me amam de verdade, cá fica o meu eterno agradecimento!

Professor Eduardo, mais uma vez, muito obrigado por tudo!

## RESUMO

Neste trabalho, objetivamos apresentar um estudo preliminar da colocação pronominal no português falado em Angola, em específico, o português falado na província de Luanda a partir do gênero musical *rap*. Sabendo que a colocação pronominal é uma característica linguística que diferencia o português brasileiro e o português europeu, nos debruçamos sobre o trabalho pioneiro de Miguel (2003): *Dinâmica da pronominalização no português de Luanda*. Em seu estudo, Miguel apresenta um panorama da colocação pronominal no português angolano a partir de produções escritas da imprensa e de estudantes em ambiente de ensino, ou seja, o foco de seu estudo era uma abordagem da realização de uma escrita formal, aproximando-se de uma norma dita culta. Ficamos, instigados, portanto, em verificar a colocação pronominal no português de Angola a partir de um gênero particular musical, o *rap*, que dialoga com uma norma culta e popular, considerando seus autores e o público-alvo. Assim, a partir de um conjunto de dez músicas, de cinco artistas, fizemos um levantamento da seleção e colocação dos pronomes oblíquos átonos em contextos de próclise, mesóclise e ênclise e a aproximação ou distanciamento dessas realizações com o levantamento apontado por Miguel e os estudos prescritivistas. Foi possível concluir que o português de Luanda tende a apresentar o uso preferível da próclise em relação à ênclise e a mesóclise.

**Palavras-chave:** Língua portuguesa - Gramática. Língua portuguesa - Luanda. Rap (Música) - Luanda.

## ABSTRACT

This work aims to present a preliminary study of the pronominal placement in Portuguese spoken in Angola, specifically, the Portuguese spoken in the province of Luanda and realised from the rap musical genre. Knowing that the pronominal placement is a linguistic characteristic that differentiates Brazilian Portuguese and European Portuguese, we look at Miguel's pioneering work (2003): *Dinâmica da pronominalização no português de Luanda*. In her study, Miguel presents an overview of the pronominal placement in Angolan Portuguese, from the written productions of the press and students in a teaching environment, that is, the focus of his study was an approach to the realization of formal writing, approaching if of a so-called standard norm. We were, therefore, encouraged to verify the pronominal placement in Angolan Portuguese from a particular musical genre, rap, which dialogues with a standard and popular norm, considering its authors and the target audience. Thus, from a set of ten songs, by five artists, we surveyed the selection and placement of unstressed oblique pronouns in contexts of proclisis, mesoclysis and enclisis and the approximation or distancing of these achievements with the survey pointed out by Miguel and the studies prescriptivists. It was possible to conclude that the portuguese from Luanda tends to presente the preferable use of proclisis in relation to enclisis and mesoclysis.

**Key words:** Portuguese language - Grammar. Portuguese language - Luanda. Rap (Music) - Luanda.



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Mapa 1</b>	Continente africano	13
<b>Mapa 2</b>	Províncias de Angola	14
<b>Mapa 3</b>	Comunidades etnolinguísticas de Angola	15
<b>Gráfico 1</b>	Língua mais falada em casa pela população	16
<b>Quadro 1</b>	Pronomes pessoais do português padrão	27
<b>Quadro 2</b>	Pronomes pessoais sujeito do kimbundu	34
<b>Quadro 3</b>	Infixos objetivos do kimbundu	35
<b>Tabela 1</b>	Quantitativo da colocação pronominal no RAP de Luanda	46

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>11</b>
<b>2</b>	<b>PANORAMA LINGUÍSTICO DE ANGOLA</b>	<b>13</b>
<b>3</b>	<b>BREVE HISTÓRICO DO <i>HIP-HOP</i></b>	<b>19</b>
3.1	O <i>HIP-HOP</i> EM ANGOLA	20
<b>4</b>	<b>PRONOMINALIZAÇÃO NO PORTUGUÊS DE ANGOLA: O PIONEIRISMO DE MIGUEL (2003)</b>	<b>23</b>
4.1	A PRONOMINALIZAÇÃO NO PORTUGUÊS PADRÃO	27
4.1.1	<b>Pronomes oblíquos átonos</b>	<b>28</b>
4.2	A INFLUÊNCIA DO KIMBUNDU NA COLOCAÇÃO PRONOMINAL DO PORTUGUÊS DE LUANDA	33
<b>5</b>	<b>COLOCAÇÃO PRONOMINAL DO PORTUGUÊS DE LUANDA A PARTIR DO <i>RAP</i></b>	<b>38</b>
5.1	DESCRIÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA DOS RAPPERS DA NOSSA PESQUISA	38
5.1.1	<b>Lizzy</b>	<b>38</b>
5.1.2	<b>MCK</b>	<b>39</b>
5.1.3	<b>Flagelo Urbano</b>	<b>39</b>
5.1.4	<b>Yannick Afroman</b>	<b>39</b>
5.2	A COLOCAÇÃO PRONOMINAL NO <i>RAP</i> LUANDENSE	40
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>50</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>51</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Compreender como os angolanos, mormente luandenses, fazem uso da colocação pronominal, é o cerne deste estudo. Afinal, a língua portuguesa, assim como qualquer outra língua natural muda no tempo e no espaço, dado que é uma necessidade natural do falante moldar a língua à sua necessidade.

O estudo da pronominalização do português de Luanda é importante, pois se somará aos diversos trabalhos já realizados para outras variedades do português, como a brasileira e a europeia. Esses trabalhos, por exemplo, já mostram que essas duas variedades também se diferenciam justamente pelo modo como realizam a pronominalização. Outro fator importante para se estudar esse fenômeno é ajudar a repensar o purismo linguístico que predomina no imaginário social angolano, sobretudo de Luanda, que se baseia num modelo de língua que é a europeia. Ao se considerar um padrão europeu para a língua, não há a valorização de elementos culturais e linguísticos dos povos nacionais.

Esse purismo linguístico é prejudicial, pois não contribui para que as pessoas tenham orgulho ou (re)conhecimento da variedade linguística que domina a fala cotidianamente. Essa variedade, com traços linguísticos e identitários dos falantes – como das línguas nacionais aí presentes –, acaba sendo classificada como um falar desprestigiado.

Uma das formas que encontramos para valorizar a diversidade linguística angolana foi privilegiar a produção da língua a partir do gênero musical *rap*. Por ser um gênero influenciado por questões da oralidade e que alterna uma formalidade e informalidade em seus registros, a questão identitária própria do gênero, parece-nos um terreno fértil para uma descrição linguística.

Um trabalho fundamental que nos guiou ao longo da nossa análise foi o de Miguel (2003), considerado como um dos pioneiros no que diz respeito à descrição e à análise do português angolano, em específico, sobre a pronominalização. A autora faz uma extensa comparação de dados do português padrão (europeu) vigente nas instâncias oficiais de Angola com a realização dos angolanos, de fato, em diversos cenários de interação e produções orais e escritas.

Para entender como se realiza a pronominalização no *rap* luandense, em particular, a realização dos pronomes oblíquos átonos, analisou-se canções de cinco artistas angolanos que atuam majoritariamente em Luanda: Naice Zulo e Bc,

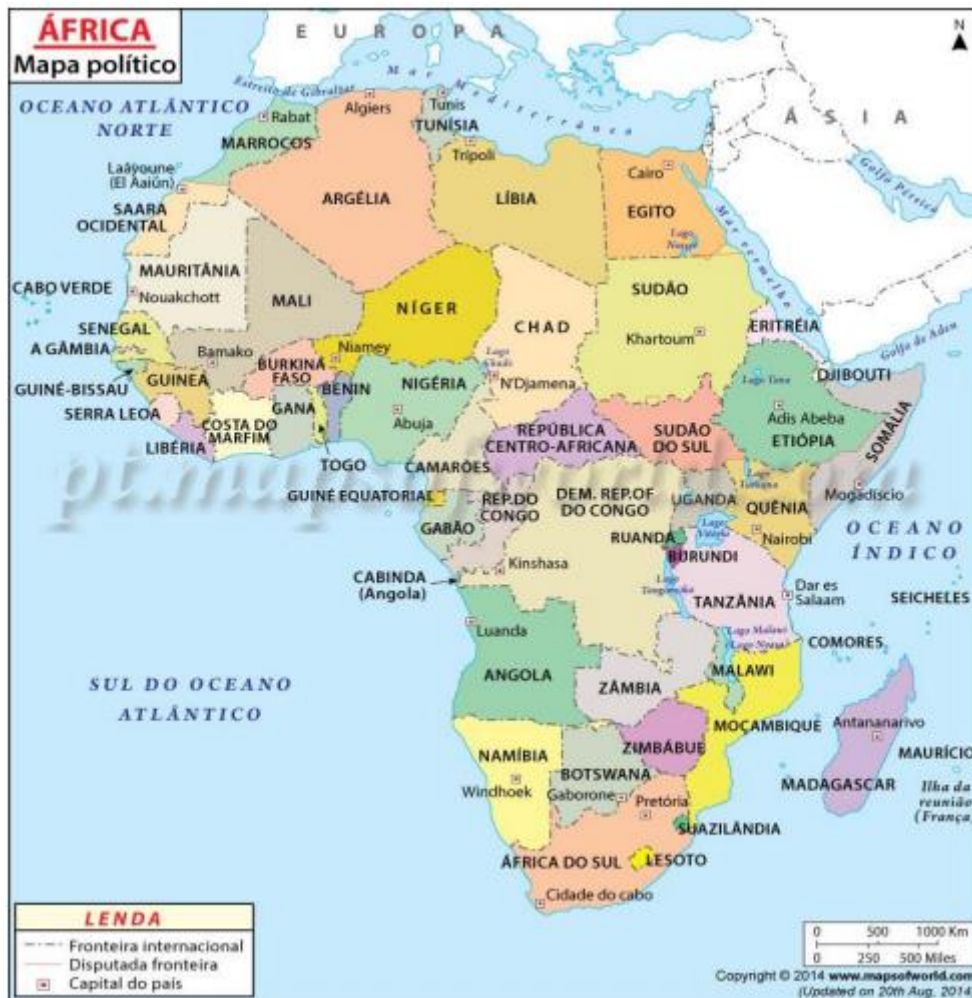
Yannick Afroman, Lizzy, Flagelo Urbano e MCK. Selecionaram-se os versos com pronomes oblíquos átonos e se fez um levantamento/agrupamento para cada tipo. Mesmo não tendo uma pretensão quantitativa, em termos sociolinguísticos, fez-se uma contagem da realização dessas formas ao longo das canções destes artistas.

O trabalho estrutura-se, para além desta Introdução, com o capítulo (2), reservado para um panorama linguístico angolano, seguido do capítulo (3) que aborda, de forma breve, o contexto do *hip-hop* em Angola. No capítulo (4), dedicou-se espaço para a obra de Miguel (2003) e a discussão sobre a pronominalização em Angola e, no capítulo (5), fez-se a descrição da colocação pronominal no *rap* luandense. Seguem-se as considerações finais e as referências bibliográficas.

## 2 PANORAMA LINGÜÍSTICO DE ANGOLA

Angola está localizada na parte ocidental da África austral e suas fronteiras são: norte/nordeste, com a República Democrática do Congo; a leste, com a República da Zâmbia; ao sul, com a República da Namíbia. O Oceano Atlântico banha o país a oeste.

Mapa 1 - Continente africano



Fonte: <http://escolaeducacao.com.br/mapa-da-africa/>. Acesso em: 28 mar. 2021.

A população, de cerca de 25.789.024 habitantes, conforme o último censo (2014), divide-se pelas 18 províncias, sendo a capital do país Luanda, localizada na província de mesmo nome.

Mapa 2 - Províncias de Angola



Fonte: <https://suburbanodigital.blogspot.com/2018/01/mapa-de-angola-com-provincias-e-capitais.html/>

Acesso em: 28 mar. 2021.

Angola é um país plurilíngue e tem cerca de 46 línguas faladas em seu território, sendo a maioria do grupo linguístico banto. Nota-se, também, embora em menor número, falantes do grupo linguístico conhecido como khoisan, ou povos não-banto/pré-banto.

No país, podemos notar certa correlação entre etnia, língua e cultura e sua disposição no território nacional, conforme apontado no mapa a seguir:

**Mapa 3 - Comunidades etnolinguísticas de Angola**



Fonte: Undolo (2014, p. 79).

Pelo mapa acima, nota-se que as línguas do grupo banto são as mais faladas em solo angolano. Ao lado dessas línguas autóctones, merece destaque a língua portuguesa, considerada a língua oficial do país.

De acordo com as informações levantadas pelo último censo do país (2014), o panorama linguístico angolano pode ser visto conforme o gráfico abaixo:

Gráfico 1 - Língua mais falada em casa pela população



Fonte: INE/CENSO (2014)<sup>1</sup>

O Gráfico (1) indica o plurilinguismo angolano, principalmente, no que se refere às línguas bantas: 23% de falantes de umbundu; 8% de falantes de kikongo; 8% de falantes de kimbundu e 7% de falantes de chokwe. Chama-nos atenção, contudo, o número de falantes da língua portuguesa: 71%.

Para entendermos essa supremacia da língua portuguesa em Angola, é necessário que retomemos, brevemente, alguns aspectos sócio-históricos de sua implantação no território.

A língua portuguesa chega a Angola, a partir do século XV, no desenrolar das Grandes Navegações e do processo de colonização empreendido pelos portugueses.

O processo de colonização permitiu um intenso contato linguístico entre as línguas autóctones e a língua portuguesa. A princípio, as línguas angolanas não tiveram um uso marginal, destacando-se, por exemplo, a língua kimbundo como a mais veiculada em Luanda em meados dos séculos XVII e XVIII devido ao “estabelecimento de uma elite afro-portuguesa que viria a ocupar os principais cargos da administração pública nos centros urbanos e a agir no interior como

<sup>1</sup> <https://leadershipbt.com/INE/pt/publicacoes/populacao-e-sociedade-artigos/290-apresentacoes-dos-resultados-definitivos-do-censo-2014> - Acesso em: 28 mar. 2021.



capturadora de escravos, protetora das rotas comerciais e mantedora da paz” (VENÂNCIO 1996: 51 *apud* INVERNO 2009: 89).

Essa predominância “africana” na colônia não teve prosseguimento e iniciaram-se medidas que favoreceriam a imposição da língua e da cultura portuguesas (ZAU 2011: 94). No século XX, essa mudança é mais acentuada com a predominância do português sendo falado em Angola e, em especial, nos principais centros urbanos que surgiram e que agregavam grande parcela dos portugueses recém-chegados de Portugal, para além da colonização do interior do território.

A generalização da língua portuguesa em Angola também tem relação com a ideia de uma unidade nacional a partir da língua, o que não seria facilitada a partir da diversidade linguística angolana, pois “devido à sua multiplicidade, constituíam um sério obstáculo à unidade, enquanto que o português era a língua da cultura e da tecnologia” (MIGUEL 2003: 26).

Cá (2012) descreve a política colonial atinente à língua, que Portugal implementou em suas colônias e que se refletiu em Angola, isto é, apenas a língua portuguesa podia ser a língua de ensino. Ressalta-se, no entanto, que “as populações resistiam admiravelmente às tentativas de esmagamento das suas tradições nacionais, transmitindo oralmente a sua língua e os seus dialetos, conservando oralmente a sua literatura, os seus hábitos e as suas tradições” (CÁ, 2012: 211).

Outro ponto importante dessa política colonial de Portugal e que tem relação estreita com a língua portuguesa também está apontado em Cá (2012: 214):

Os africanos por toda parte podiam ser nativos, mas a assimilação podia emancipá-los. Assimilação era o meio pelo qual o incivilizado, isto é, o nativo podia juntar-se às fileiras dos oficialmente classificados como civilizados. Os critérios para chegar à civilização eram os seguintes: falar português; ter rendimento suficiente para sustentar o candidato e sua família; ter bom caráter e posse daquelas qualidades necessárias para o exercício dos direitos privados e públicos do cidadão português; cumprir o serviço militar; e ter, pelo menos, dezoito anos de idade. Qualquer africano que satisfizesse a esses requisitos podia usufruir dos direitos severamente reservados aos portugueses.

Assim, ao lado de diversos critérios, o domínio da língua portuguesa permitiria a assimilação dos angolanos e a consequente emancipação social já que os colocaria em uma posição de “civilizados”, contrapondo a visão de “indígenas”.

Essas e outras políticas implementadas por Portugal contribuíram, significativamente, para que a língua portuguesa hoje, em Angola, se tornasse a língua mais falada. Além disso, quando Angola se tornou um país independente de Portugal, Miguel (2003: 28) aponta para a situação do português como língua de instrumento da unidade nacional nas mais diversas esferas político-administrativas do país. Segundo a autora, esse mosaico linguístico “justificava a adoção de uma língua comum ou, pelo menos, uma língua de maior distribuição interterritorial, ao contrário das restantes línguas nacionais, cuja distribuição era localizada” (MIGUEL, 2003: 28). Fica evidente, então, que, se no período colonial o português era uma língua imposta aos angolanos, no pós-independência, foi pensada como língua de unidade nacional.

### 3 BREVE HISTÓRICO DO HIP-HOP

O *hip-hop* é uma manifestação cultural constituído de vários elementos, como: o DJ, o grafite, o *RAP*, o *break*, o Mcs e o conhecimento. O conhecimento é o último elemento da cultura *hip-hop* e foi adicionado por Afrika Bambaataa<sup>2</sup>, que também é a pessoa que sistematizou o *hip-hop* enquanto manifestação cultural como se conhece hoje. Segundo Postali (2011: 9), a partir dos discursos de Bambaataa, construiu-se a noção de que “o hip-hop deve ser usado como um veículo de conhecimento, sabedoria, entendimento, liberdade, justiça, igualdade, paz, união, amor, respeito e responsabilidade através da recreação”.

Essa manifestação cultural surgiu nos Estados Unidos da América (EUA), no Estado de Nova York, em 1968, nos subúrbios negros, em especial, Bronx, Brooklyn e Harlem.

Nesse período, Nova York já vinha recebendo inúmeros grupos de imigrantes jamaicanos e porto-riquenhos que “buscaram asilo, especialmente, nos guetos de Nova York, que já abrigavam muitas famílias afro-estadunidenses cuja história de vida se baseava na luta contra a segregação social que havia existido no país” (POSTALI, 2011: 7).

Será a cultura jamaicana o principal fator de destaque para a consolidação do *hip-hop* em 1970, nas figuras do *Dj Kool Herc* e *Grand Master Flash*, imigrantes jamaicanos nos EUA e considerados consolidadores do movimento. É nesse cenário que “surgiu o hip-hop, forma artística de os moradores dos guetos manifestarem seus problemas, suas dificuldades, suas necessidades enquanto classes discriminadas e oprimidas” (SILVA, 2011: 2).

Segundo Rocha, Domenich e Casseano (2001), “o termo foi criado em 1968 por *Afrika Bambaataa* na ocasião de nomear os encontros promovidos em parceria com Kool Herc e Grand Master Flash” (POSTALI, 2011: 8). Já Richard (2005) ressalta que “o termo hip-hop tem definições divergentes, no entanto, a acepção mais usual é que significa ‘saltar movimentando os quadris’ ‘to hip’” (POSTALI, 2011: 8).

---

<sup>2</sup> *Afrika Bambaataa* é um nome importantíssimo para história do *hip-hop*, pois, além de sistematizar o *hip-hop* como manifestação cultural, trouxe para o *hip-hop* elementos ligados à cultura do povo afro-estadunidense e africano. Por exemplo, a organização que ele fundou: a *Zulu Nation*, foi a responsável pela atribuição da data de celebração do dia internacional do hip-hop, que se assinala, desde o dia 12 de novembro de 1974, até hoje.

*Hip-hop* não é a mesma coisa que *rap* (ritmo, arte e poesia). O *rap* é um dos elementos da cultura *hip-hop*. O *Hip-hop* é um conjunto com várias partes e o *rap* é só uma das partes. Segundo Arcari (2011, p.56)

O termo rap nem sempre foi conhecido somente como gênero musical. Existe como verbo na língua inglesa com o sentido de “contar” ou “falar”. Pertenceu também ao inglês falado por afro-americanos nos anos 1960 com a conotação de “conversar”.

Quando visto como um elemento da cultura *hip-hop*, o *rap* é música, é poesia e o instrumento de luta através da palavra cantada. Essa palavra pode ser cantada através de um instrumental ou sem um instrumental. A pessoa que canta dentro da cultura *hip-hop* é chamada de *rapper* ou MC.

### 3.1 O HIP-HOP EM ANGOLA

Não obstante tenha surgido nos estados EUA, o *hip-hop* é uma manifestação cultural que se universalizou noutros espaços, tendo ganhado forma própria em cada espaço a que chegou. Num debate sobre o surgimento do *hip-hop* em Angola, promovido pelo jornalista Miguel Neto e que está disponível no Youtube, o ativista *Gangsta*, um dos pioneiros do *hip-hop* angolano, afirmou, assim como os outros convidados no programa, que o hip-hop, em Angola, começou na província de Luanda.

Através da globalização, o *hip-hop* chegou ao solo angolano, sobretudo luandense. De acordo com Lázaro e Silva (2016: 7), uma alteração dos padrões de consumo nas áreas urbanas e semiurbanas de Angola, incluindo itens eletrônicos, fizeram com que a população tivesse acesso a produtos de multimídia em que eram veiculados o estilo *breakdance*, como o filme *Breakin'* (1984), de Joel Silberg, exibido em rede nacional pela Televisão Popular de Angola (TPA).

De acordo com Lázaro e Silva (2016: 8):

[...] por meio da imitação das vestimentas e dos gestos e movimentos das personagens dos filmes e vídeo-clipes, surgiram os primeiros praticantes angolanos de breakdance, entre outros, Paulo Kumba, Sérgio Rodrigues e, pouco mais tarde, o grupo SSP, que depois viria a trocar o breakdance pelo rap. Com as aparições públicas desses dançarinos em eventos de rua, em shows e na televisão, o número de adeptos do breakdance aumentaria significativamente, chegando a alterar a imagem, a atitude e a rotina dos jovens.

Uns advogam que o *hip-hop* em Luanda começou nos centros urbanos e outros advogam que o *hip-hop* começou em ilhas: tanto na cidade, quanto nos musseques (bairros periféricos da cidade de Luanda). Para Gangsta, um dos mais conceituados ativistas do *hip-hop* angolano, os artistas da cidade só ficaram conhecidos como os percussores do *hip-hop* angolano porque viviam em lugares onde tinham acesso à mídia, além das possibilidades financeiras que as famílias de muitos dispunham, e que os artistas dos musseques não tinham.

Phathar Mak, um dos pioneiros do *hip-hop* angolano, tem uma visão diferente do ativista Gangsta. Para Phater Mak, o *hip-hop* começou nos centros urbanos da província de Luanda (na Baixa e na Mayanga). Não existe, pelo menos, até esse momento, um consenso sobre se o *hip-hop* começou nos centros urbanos ou nas periferias de Luanda. Essas duas versões sobre o surgimento do *hip-hop*, em Angola, foram apresentadas no programa do jornalista Miguel Neto. Miguel Neto é um dos jornalistas culturais que mais investiga e tenta resgatar a história e cultura angolana, sobretudo, as manifestações culturais ligadas ao movimento *hip-hop* feito em Angola.

Depois do *breakdance*, o *rap* foi o segundo elemento da cultura *hip-hop* que mais despertou interesse no ceio dos jovens de Luanda, depois da exibição do filme *breakdance*. Assim, os primeiros MCs do *hip-hop* angolano começaram a aparecer no início da década de 90, sobretudo no ano de 1991 e, na sua maioria, foram os primeiros dançarinos de *breakdance*.

Segundo o ativista Gangsta, no programa do jornalista Miguel Neto, os primeiros Mcs e pioneiros do *hip-hop* angolano são: Phathar Mak, Brother Kiluanji, Gangsta Pick, Principe Wadada, DZD e 'Nelboy Das Daburtha. Para Phathar Mak, os primeiros Mcs do *hip-hop* angolano são: Phathar Mak, Kool Klever, GC Unity, SSP, DZD e 'Nelboy Das Daburtha.

Segundo o ativista Gangsta, dentre os vários grupos que surgiram no começo da história do *hip-hop* em Angola, GC Unity e SSP são os que demonstraram muito bem a relação entre a cidade e o musseque, no início da história do *hip-hop* angolano. Os artistas que compunham o grupo GC Unity, são: Prince Wadada, Gansta Dú e Kool Klever. Big Nelo, kudy, Paul G e Jeff Brown são os artistas que compunham o grupo SSP.

Além desses dois grupos citados acima, Dom Samu<sup>3</sup>, que é um dos primeiros grafiteiros da história do *hip-hop* em Angola, afirma que existiam e depois vieram à existência outros grupos e Mcs que não podem ficar de fora quando se aborda sobre a história do *hip-hop* em Angola. Eis o nome de alguns:

Zona Kid com o hit "Kilomba" os Wanderfull one e o Mestre Solobá, ação positiva (Vovô, Passi, K Celso da Maianga ) e Consciência de África (Mondlane e Afroket). Também surgiram em 93 os Pretos Racionais, com Léo MC, Mano Kifwady etc. Sem esquecer o Xitukumulukumba, Kuntualua, Dikiliaba, Mano Tala, Hebo Imoxi, Keita mayanda, Adamouh, Diala kia kilunge, MC k, Kuzoka, YPM, Nganga wa mbote, Cristo, Chipita, Vuvu Mamzambi, Wyma Nayobe, muitos deles fundadores da Ala esquerda e depois denominada Ala Este e os Afromen com Yanik e Mumú( ja falecido) esses e outros surgiram na primeira metade dos 90.

Apesar dos GC Unity e SSP serem os grupos mais conhecidos na história do hip-hop angolano como bem dito por Dom Samu, há muito nomes que merecem muita atenção não só pela contribuição que deram ao movimento hip-hop em Angola, mas por continuarem relevante. MCK é um desses rappers por ser um artista engajados em causas sociais como show do livro, preservativo etc. Além de MCK, Luaty Beirão e Flagelo Urbano também são rappers que merecem destaques dentro do hip-hop angolano, sobretudo no que diz respeito às causas sociais que abraçam.

---

<sup>3</sup> <http://universidadehiphop.org/nossa-historia/> - Acesso em 05/04/2021.

#### 4 PRONOMINALIZAÇÃO NO PORTUGUÊS DE ANGOLA: O PIONEIRISMO DE MIGUEL (2003)

Se os estudos sobre a pronominalização no português europeu e brasileiro já possuem uma tradição nos estudos linguísticos, para as variedades africanas ainda não se pode dizer o mesmo. Em relação ao português de Angola, temos o trabalho pioneiro de Miguel (2003), que pode ser considerado um marco nos estudos da descrição dos estudos linguísticos em relação ao português angolano.

O estudo do português de Angola, em específico de Luanda, apresentado por Miguel (2003) em sua obra *Dinâmica da pronominalização no português de Luanda* foi motivado pelas diferenças notadas pela autora no uso da língua portuguesa, tanto no português falado no dia a dia, quanto no português que a escola ensina na província de Luanda e como isso se refletia na pronominalização.

Quanto aos pronomes, Miguel abordou os pessoais e o uso das formas consagradas na formalidade e na informalidade. Considera como formal, por exemplo, o uso do pronome *lhe/s* e, informal, a substituição do *lhe/s* por *le/les* no português de Luanda (MIGUEL, 2003:11). A autora também notou o uso dos pronomes *lhe/s* como complemento direto em oposição às formas: *o/a/s*, conforme a norma padrão vigente em Angola.

Ademais, Miguel (2003:11) também estudou a colocação dos pronomes junto ao verbo e por que os falantes de Luanda, incluídos os cultos, às vezes, usam os pronomes junto ao verbo, de maneira contrária ao que a norma padrão vigente em Angola, nesse caso, a portuguesa, orienta. Para a autora, quatro razões influenciam nas mudanças do português falado em Luanda: *a escola, a comunicação social, a língua materna dos utentes e a debilidade do sistema de ensino*.

A escola é o primeiro elemento usado para justificar as diferenças presentes no português de Luanda em relação ao modelo de língua vigente em Angola. Quanto à escola, Miguel defende que os estudantes ficam mais tempo fora da escola do que na própria escola, lugar onde se aprende a variedade padrão do português. Como os estudantes ficam mais tempo “em casa, na rua e no emprego”, haveria uma dificuldade na assimilação do uso da norma linguística ensinada na escola, ocorrendo, assim, a ruptura entre o português da escola e o português que o estudante usa no dia a dia.

Esses dois modos de usar a língua contribuem para construção da concepção do erro existente na língua, sobretudo no português de Luanda. Por isso, Miguel problematiza a noção de erro que, na maioria das vezes, é entendido como culpa dos estudantes, quando, na verdade, não o é, já que o problema é mais complexo. Miguel explicita sua posição atinente a esse assunto nesses termos:

A identificação e descrição das áreas de mudanças no português de Angola deve preocupar linguistas e professores, para uma tomada de posição futura relativamente à variante padrão. Não se procedendo assim, os usos linguísticos, ainda que generalizados, continuarão a ser considerados “erros” e penalizados (MIGUEL, 2003: 21).

A comunicação social é o segundo elemento por ser um órgão essencial na propagação do modelo de língua oficial em um país. Por isso, normalmente, o critério de seleção para um posto de trabalho exige um conhecimento profundo da norma padrão já que a escola e a comunicação social são os dois veículos primordiais do Estado para difusão desse modelo padrão de língua.

Em Angola, o caso não é diferente. As empresas de comunicação de massa, como a *Televisão Pública de Angola* (TPA), a *Rádio Nacional de Angola* (RNA) e o *Jornal de Angola* (JN) são órgãos do Estado que têm a responsabilidade de difundir a norma padrão do português.

Melo e Santos (2013) mostram que língua, norma e gramática são conceitos que às vezes são confundidos como uníssono no ensino de língua e na análise dos fenômenos linguísticos. Dentre esses conceitos, o que mais nos interessa, nessa pesquisa, são os conceitos de norma. Assim, para nos ajudar a entender o que é norma, Melo e Santos (2013) explicam os conceitos de norma culta, padrão e curta a partir das concepções de Faraco:

Faraco (2008) define a expressão norma culta como o conjunto de fenômenos linguísticos que ocorrem habitualmente no uso dos falantes letrados em situações mais monitoradas de fala e escrita. Diferentemente da norma padrão, que é um construto sócio histórico que é tomada como referência para estimular um processo de uniformização e uma codificação relativamente abstrata, a norma culta “é a expressão viva de certos segmentos sociais em determinadas situações” (p.75) (MELO e SANTOS, 2013, p.6).

A seguir, Faraco explica o conceito de norma curta:



Pensa-se, muitas vezes, que uma simples consulta ao dicionário ou a uma boa gramática é o suficiente para aprender português. No entanto, esse pensamento traz muitos prejuízos ao falante. Acaba-se surgindo uma norma que, segundo Faraco (2008), desrespeita nossos estudos linguísticos e, infelizmente, é utilizada como referência de “boa escrita”: a norma curta (MELO e SANTOS, 2013, p.6).

Por isso, Miguel (2003:31) afirma que dentro dum leque de possibilidade de línguas existentes em Angola, como kimbundu, umbundu, kikongo etc. os principais órgãos de comunicação social escolheram usar o português como veículo primordial de comunicação. Por exemplo, o Jornal de Angola, principal órgão de comunicação social no que tange à imprensa escrita, não utiliza nenhuma outra língua além do português, não obstante o fato de ser um jornal de alcance nacional. Quanto à Rádio Nacional, Miguel (2003: 31) afirma que “dedicam uma parte do seu tempo de antena à programação em línguas nacionais”, e a Televisão Pública de Angola “diariamente faz uma programação de, aproximadamente, uma hora, em línguas nacionais. Todos os demais programas são em português”.

A escolha do português como língua de comunicação tanto na imprensa escrita, Jornal de Angola, quanto na Televisão Pública de Angola e na Rádio Nacional de Angola, reflete o investimento que o Estado angolano faz na propagação do português, a nível nacional, bem como reflete o interesse do estado angolano na propagação do modelo da norma vigente em Angola, já que os usos linguísticos praticados pelos profissionais destes órgãos de comunicação social do Estado não refletem o modelo de língua falado pela maioria do povo.

Apesar do esforço que os profissionais da comunicação social fazem para se adequarem ao padrão de língua exigido dentro dos seus espaços de trabalho, nem sempre há êxitos no que diz respeito ao apagamento dos traços do português que falam quando estão fora dos seus locais de trabalho: o português das massas. Além disso, nem todos os jornalistas conhecem tão bem, quanto deveriam, a norma padrão vigente em Angola e, por conta disso, acabam massificando, no português falado em Luanda, as formas linguísticas entendidas como não padrão, como atesta Miguel (2003: 31).

A língua materna é o terceiro elemento que Miguel usa para justificar as diferenças presentes no português de Luanda em relação ao modelo de língua vigente no país. Angola é um país multilíngue e Luanda reflete, como nenhuma outra província, a multiplicidade de línguas existentes em solo angolano.

Sob esse ponto de vista, Miguel começa por afirmar que, embora o português seja a língua mais difundida em Angola, não é a língua materna de todos os angolanos, sobretudo dos luandenses, já que existe uma diferença entre língua materna e língua nacional (MIGUEL, 2003: 22). Kialanda (2020), debruçando-se a respeito das línguas nacionais de Angola, inclui o português nesse leque de línguas pelo fato de ser a língua materna de muitos angolanos que nasceram na província de Luanda e por apresentar características diferentes do português de Portugal, apesar de ser uma língua que chegou ao território angolano devido à colonização.

Os povos da região da província de Luanda, antes da invasão portuguesa, tinham como língua materna o kimbundu. Por isso, Miguel dá especial destaque a influência dessa língua no português falado em Luanda. Isso não significa que o kimbundu é a única língua nacional de Angola falada na província de Luanda. Como se sabe, Luanda é a província metrópole de Angola e apresenta uma confluência de povos e de línguas das mais variadas regiões de Angola, sendo o kimbundu a principal língua nacional da região.

A debilidade do sistema de ensino é o quarto elemento que Miguel elenca para justificar as diferenças presentes no português de Luanda. A autora faz um recorte do acesso à escola e ao sistema de ensino que existia em Angola nos anos que antecederam, se iniciaram e vieram depois da independência do país. O fato curioso é que muitos dos pontos enumerados ainda são tão presentes, hoje em dia, mesmo depois de já terem passado 17 anos desde a publicação do seu livro e 46 anos desde a proclamação da independência de Angola.

Miguel enumera várias debilidades que o sistema de ensino angolano apresenta, mas dentre as várias, para nossa pesquisa, essas se destacam:

[...] o português nem sempre é a língua materna dos estudantes e mesmo assim são alfabetizados em português; devido à carência de escolas, as turmas estão quase sempre superlotadas; os professores que lecionam português possuem, na maior parte dos casos, uma formação deficiente, quer pedagógica, quer linguística; na maior parte das escolas assiste-se a uma gritante precariedade de condições e os docentes, muitas vezes, estão privados dos mais elementares auxiliares pedagógicos e o desprestígio da carreira docente associado ao mau salário, que faz muitos profissionais competente irem a outras áreas de atuação, deixando o sector a quem não tem formação específica para exercer a profissão (MIGUEL, 2003: 34).

Os quatro pontos destacados acima, contribuem para que haja desvio entre o português falado no dia a dia e a norma padrão do português vigente em Angola, sobretudo na província de Luanda, na visão de Miguel.

Para desenvolver sua análise, Miguel fez um agrupamento tanto de dados orais quanto de dados escritos.

A autora recorreu às coletas de matérias que englobavam tanto a mídia impressa, quanto registros de locutores de rádio, televisão e entidades oficiais. Esses registros eram importantes porque se alternavam tanto em um roteiro previamente escrito quanto em interações improvisadas entre os participantes da ação. Para Miguel (2003: 23), “é, nestes casos, que as suas falas são susceptíveis de ruptura à norma”. Outro conjunto de dados foi resultado de produções escritas de estudantes angolanos do I, II e III ciclo das escolas da província de Luanda.

Como o propósito de Miguel é fazer um levantamento exaustivo dos usos dos pronomes em Luanda, a autora apontou a divisão clássica dos pronomes pessoais em retos e oblíquos a partir da norma europeia e considerada como padrão para uso e ensino em Angola, até então.

#### 4.1 A PRONOMINALIZAÇÃO NO PORTUGUÊS PADRÃO

Os pronomes pessoais retos assumem, fundamentalmente, a posição de sujeito e os oblíquos assumem a posição de complemento. Os pronomes oblíquos podem ser: tônico e átono. Miguel (2003:38) apresenta um quadro dos pronomes pessoais retos, oblíquos tônicos e átonos, no português padrão:

**Quadro 1** - Pronomes pessoais do português padrão

PRONOMES RECTOS	PRONOMES OBLÍQUOS	
	<u>TÔNICOS</u>	<u>ÁTONOS</u>
eu	mim, comigo	me
tu	ti, contigo	te
ele, ela, você	ele, ela	o, a, lhe, se
nós	nós, conosco	nos
vós	vós, convosco	vos
eles, elas, vocês	eles, elas	os, as, lhes, se

É importante destacar que Miguel nos apresenta uma descrição completa com diversos exemplos de colocações pronominais tanto dos pronomes retos quanto dos pronomes oblíquos. Como o intuito da autora era fazer essa comparação entre a variedade europeia e a variedade angolana, essa descrição previa situar o leitor na norma padrão portuguesa. Em nosso trabalho, como estamos privilegiando os pronomes oblíquos átonos, destacamos, a seguir, os exemplos de seus usos na norma padrão portuguesa a partir de Miguel (2003: 41).

#### 4.1.1 Pronomes oblíquos átonos

Os pronomes oblíquos átonos podem aparecer em três posições no português padrão: enclítica, proclítica e mesoclítica – os dados a seguir são todos de Miguel (2003):

a) Enclítica: depois do verbo.

(1) *magoei-me* no joelho.

b) Proclítica: antes do verbo.

(2) não *te esqueças* da receita.

c) Mesoclítica: no meio do verbo.

(3) *ter-se-á* esquecido?

Os pronomes átonos substituem os complementos direto e indireto e se flexionam em número semelhante ao termo substituído. O complemento direto é definido como o termo exigido pelo predador, neste caso, o verbo, e se ligando a ele sem qualquer preposição. O complemento indireto, ao contrário, se liga ao verbo por intermédio de uma preposição exigida por ele.

Para ilustrar, Miguel (2003: 42) dá alguns exemplos:

(4) *Conheci a tua irmã* ontem. – complemento direto

(5) *Falei ao João* sobre ti. – complemento indireto

(6) *Cortaste o cabelo* muito curto. – complemento direto

(7) *Pede autorização às professoras*. – complemento indireto

Miguel (2003: 43) afirma que os complementos diretos na sentença podem ser substituídos em gênero e número pelas formas: o, a, os e as. Já os complementos indiretos só podem ser substituídos em gênero e número pelas formas lhe e lhes.

(8) Conheci a tua irmã ontem = Conheci-a ontem.

(9) Falei ao João sobre ti = Falei-lhe sobre ti.

O pronome oblíquo complemento direto pode adquirir uma nova forma quando posposto ao verbo. Em posição enclítica, estes pronomes são influenciados pelos sons adjacentes, normalmente nas terminações do verbo. Isto pode acontecer em três situações<sup>4</sup>:

a) Se a forma termina em vogal ou ditongo oral, emprega-se o, a, os, as.

(10) Encontrei-o no mercado.

(11) Leva-a ao cinema

b) Se o verbo termina em **r, s** ou **z**, estas consoantes são suprimidas, e os pronomes tomam a forma de lo, la, los, las.

(12) Vou ver **o filme** logo = vou vê-lo logo.

(13) Emprestamos **a gramática** a Elisa = emprestámo-la à Elisa

(14) Ela faz **os bolos** muito bem = ela fá-los muito bem.

c) Seguindo uma terminação nasal do verbo, o pronome assume a modalidade de no, na, nos, nas.

(15) Os Silva levaram **a filha** = Os Silva levaram-na

(16) Estes alunos dão sempre **muitos erros**? = Estes alunos dão-nos sempre?

Miguel (2003: 44) afirma também que nas formas pronominais átonas, além dos pronomes complementos directos (o, a, os, as) e indirecto (lhe, lhes), incluem-se

---

<sup>4</sup> Dos itens (a) a (c), fizemos uso do mesmo enunciado de Miguel para cada situação de realização dos pronomes.

ainda os pronomes me, te, se, nos, vos, que se empregam quer como um, quer como outro dos dois complementos citados, consoante à predicção do verbo.

Por fim, Miguel (2003: 44) afirma que não se iniciam orações com pronome oblíquo átono com função de complemento porque a posição normal dos pronomes pessoais na frase é a enclítica. A seguir, nos é apresentado, por meio de exemplos, o que determina a posição do pronome em relação ao verbo, como podemos ver nos exemplos abaixo<sup>5</sup>:

a) Nas orações afirmativas, o pronome pospõe-se ao verbo.

(17) Encontrei-o na portaria do hotel.

b) Quando o verbo está conjugado num tempo composto, a posposição do pronome ocorre a seguir ao auxiliar.

(18) Havia-me esquecido disso.

c) Se no sujeito anteposto ao verbo figurar 'ambos' ou 'mesmo' o pronome deve aparecer em posição proclítica.

(19) Ambos nos sentamos à mesa.

(20) Ele mesmo se entreteve a pintar.

d) Quando no sujeito figurar uma das seguintes palavras: todo, tudo, muito, alguém, cada qual, qualquer, outro, tal, tanto, quanto, o pronome precede o verbo.

(21) Alguém nos trará os relatórios

(22) Cada qual se encarrega da sua parte

e) Nas orações iniciadas por advérbios (bem, mal, ainda, já, sempre, só, talvez, etc.), o pronome complemento antecede ao verbo.

(23) Já nos lavámos

(24) Nunca vos falaram disso

---

<sup>5</sup> Dos itens (a) a (s), fizemos uso do mesmo enunciado de Miguel para cada situação de realização dos pronomes.

f) As orações negativas obrigam a próclise.

(25) Não nos conhecemos.

(26) Que ninguém lhe diga nada

g) As orações introduzidas por pronomes e advérbios interrogativos exigem a anteposição do pronome ao verbo.

(27) Como te chamas?

(28) Onde se escondeu ele?

h) Nas orações iniciadas por palavras exclamativas ou nas frases optativas, a colocação do pronome deve ser a proclítica.

(29) Que Deus te abençoe!

(30) Oxalá me aceitem!

i) Nas orações subordinadas, o uso proclítico é preferível.

(31) Quando te fores embora, avisa-me.

(32) Ainda que me custe, direi a verdade.

j) O gerúndio precedido de 'em' exige próclise

(33) Em me trazendo a encomenda, aviso-te.

(34) Em lhe entregando o cartaz, ir-me-ei embora.

k) Com infinitivos soltos, mesmo que modificados pela negativa, é indiferente a próclise ou a ênclise, embora esta última seja a mais frequente.

(35) Traz-me água para me lavar.

(36) Traz-me água para lavar-me.

l) Contudo, a ênclise é obrigatória se o infinitivo for precedido de 'a', e o pronome tiver a forma de 'o' ou 'a'.

(37) Continua a procurá-lo. Estás a ouvir-me?

m) Se a oração, disposta em ordem inversa, inicia por complemento direto ou predicativo, tende-se para a próclise pronominal.

(38) Satisfatório lhe pareceu o cumprimento do plano.

n) Nas locuções verbais, quando o verbo está no infinitivo, pode dar-se a ênclise, e próclise ao verbo auxiliar, quando ocorrem as condições exigidas para a anteposição do pronome a um só verbo.

(39) A companhia veio interromper-me o estudo

(40) Jamais me conseguirei habituar

o) Com o verbo principal no particípio, o pronome átono não pode vir depois dele. Virá enclítico ou proclítico ao auxiliar, em conformidade com os preceitos para as orações com verbos na forma simples.

(41) Tenho-o visto todos os dias.

(42) Ninguém se havia esquecido de nada.

p) Nas orações iniciadas com a copulativa 'e', a posição do pronome depende da natureza da oração à qual é coordenada: se a coordenação for a uma principal, comporta-se tal qual esta; se a coordenação se fizer a uma subordinada, atém-se às normas para esta classe de orações.

(43) Foste embora e esqueceste-te da Joana.

(44) Disseram-me que te foste embora e te esqueceste da Joana

q) Nas orações coordenadas introduzidas por “porém”, “todavia”, “contudo” e “mas”, o pronome pospõe-se normalmente ao verbo.

(45) Nunca o vi, contudo, telefonei-lhe duas vezes.

r) As restantes conjunções coordenativas obrigam o pronome à precedência verbal.

(46) Ora me apoias, ora me criticas.

(47) Quer me apoies, quer me critiques.

s) O infinito (pessoal ou impessoal) e o gerúndio normalmente levam posposto o pronome pessoal átono complemento, a não ser que precedidos de um advérbio de negação ou a preposição que não o 'a'.

(48) Como é possível enganares-te?

(49) É possível não te enganares?



t) Quando o verbo é seguido de mais de um infinitivo, o pronome normalmente coloca-se depois do último.

(50) Tenho de começar a fazê-lo já

(51) Espero poder telefonar-te ainda hoje.

#### 4.2 A INFLUÊNCIA DO KIMBUNDU NA COLOCAÇÃO PRONOMINAL DO PORTUGUÊS DE LUANDA

O português não é a língua materna de todos os angolanos como já apontamos. Falando especificamente de Luanda, não obstante ao fato do português ser a única língua, na educação pública, entre as línguas nacionais de Angola, ainda assim, boa parte das famílias, sobretudo aqueles que nasceram nos 1975, como apontado por Miguel (2003: 28), não têm o português como língua materna.

Ademais, como o primeiro contato da criança com o mundo acontece da mãe para o bebê e depois da família para escola, os traços da língua materna da família aparecem na língua materna dos filhos. Como a criança fica mais tempo com a família do que na escola, faz-se necessário pensar as relações existentes entre as línguas nacionais de Angola e o português falado em Luanda. Segundo Miguel (2003: 52):

A língua materna é o substrato cuja estrutura se encontra fortemente enraizada. A segunda língua funciona como superstrato e se a sua aquisição for tardia e/ou deficiente, torna-se permeável as características do substrato. Isso significa que o uso que o falante faça da língua segunda será em função das características desta. Ele age comparativamente: preenche, por analogia, as lacunas com que se depara, como se ambas as línguas fossem detentoras da mesma estrutura'.

Existem várias línguas bantas que são faladas em Angola: ngangela, kimbundu, kikongo, umbundu, entre outras. Miguel (2003: 52-53) nos mostra que nessas línguas há um sistema de concordância que se processa em classes por meio do correspondente relativo de classe ou do pronome conjugativo, ou seja,

nessas línguas, o relativo de classes repete-se em todas as palavras subordinadas ao substantivo, como se vê nos exemplos a seguir<sup>6</sup>:

(52) **Vantu valaha vali** kunima (nganguela) (Os homens altos estão atrás).

(53) **Dilonga dya** Filomena **diba** (kimbundu) (O prato da Filomena Caiu).

(54) Enzo **ya** mpa **yi** vwidi tungwa (kikongo) (À casa nova está pronta)

(55) O longombe **vavelele vafa** (umbundu) (Os bois doentes morreram).

Em seguida, Miguel (2003: 53) apresenta-nos o quadro dos pronomes pessoais da língua “kimbundu” e que nos interessa por ser a língua nacional dos povos de Luanda:

**Quadro 2** - Pronomes pessoais sujeito do kimbundu

Pessoas		Pronomes absolutos	Pronomes subjetivos
singular	1 <sup>a</sup>	Eme	ngi
	2 <sup>a</sup>	eye	u
	3 <sup>a</sup>	mwenu	u, a
plural	1 <sup>a</sup>	etu	tu
	2 <sup>a</sup>	enu	nu (mu)
	3 <sup>a</sup>	ene	a

Segundo Miguel (2003: 54), no kimbundu os pronomes absolutos acompanham-se dos prefixos subjetivos, como se pode ver nos exemplos a seguir:

(56) **Eme ngojokala** mu dya, se **ngakexile** xitu.

(eu comia se tivesse carne)

(57) **Eye utonesa** mon´ami.

(tu acordas o meu filho)

(58) **Mwene wolobita** ni abinge kima.

(ele está a passar para pedir uma coisa)

<sup>6</sup> Miguel (2003), ao apontar os dados das línguas nacionais, não apresenta suas glosas. Desse modo, como não somos falantes de kimbundu como língua materna ou estrangeira, ou mesmo proficientes nessa língua, não pudemos fazer uma descrição ou análise pormenorizada de cada item lexical.

- (59) **Etu** twenyodya masa.  
(nós costumamos comer milho)
- (60) **Enu** nwenyodya xitu.  
(vocês costumam comer carne)
- (61) **Ene** axalele ku bata dya.  
(eles ficaram em casa)

Segundo Miguel (2003: 54), os prefixos subjetivos equivalem, em português, as desinências pessoais e, tal como estas, podem dispensar os pronomes absolutos.

- (62) **Eme** nga-a-sota (Eu procuro-os).
- (63) Nga-a-sota (Procuro-os).

Outro tipo de pronomes, os infixos objetivos servem de complemento direto e indireto: são sempre colocados depois das partículas formativas, mas imediatamente antes do radical verbal. Vejamos esse tipo a partir de Miguel (2003: 55):

**Quadro 3** - Infixos objetivos do kimbundu

	Participantes		De classes
	1ª pessoa	2ª pessoa	
singular	- ngi -	- Ku -	3ª pessoa
plural	- tu -	- mi -	- mu – 1ª classe
			- a – 2ª classe
			- mui – 3ª classe
			- ni – 4ª classe
			- di – 5ª classe
			- ma – 6ª classe
			- ki – 7ª classe
			- i – 8ª classe
			- i – 9ª classe
			- ji- 10ª classe

- 64) Eye u-**ngi**-zola. (Tu amas-**me**)

- (65) Mwene u-**ngi**-zola. (Ele ama-**me**)  
 (66) Mukaji ami wa-**ngi**-xingile. (A mulher insultou-**me**)  
 (67) Diyálá wámùbhútú myézú. (O homem cortou-**lhe** a barba)  
 (68) Kabhúlú wámùbhitílè. (A febre ultrapassou-**o**)  
 (69) Mwene ka **ku**-zolé. (Ele não **te** ama)  
 (70) Ngi-**a**-sota ou Nga-sota. (Procura-**os**)

Miguel (2003: 55) também observa que os pronomes complementos diretos (o, a, os, as) e indiretos (lhe, lhes) do português têm como equivalente em kimbundu uma mesma e única forma: **-mu-** para o singular e **-a-** para o plural:

- (71) Kàbhúlú wámùbhitíle. (A lebre ultrapassou-**o**)  
 (72) Mwene Kenyoku **mu**-betê. (Ele não costuma bater-**lhe**)

O infixo reflexivo **-di-** é invariável e serve para todas as pessoas do singular e do plural. Coloca-se imediatamente antes do radical verbal.

- (73) Eme ngi-**di**-sukula. (Eu lavo-**me**)  
 (74) Eye u-**di**-sukula. (Tu lavas-**te**)  
 (75) Mwene wa-**di**-kwama. (Ele magoou-**se**)  
 (76) Etu tu-**di**-zola. (Nós amamo-**nos**)  
 (77) Enu nu-**di**-zola. (Vós amai-**vos**)  
 (78) Ene a-**di**-zola. (Eles amam-**se**)

Um apontamento importante de Miguel está em constatar que na língua kimbundu não há contexto frásico que interfira na posição dos infixos objetivos reflexivos e recíprocos em serem pré-verbais (2004: 56). Seguem alguns exemplos de tipos de frases e o uso dos pronomes:

a) Frases afirmativas

- (79) Émé ngam**it**élá sabhú. (Eu contei-**vos** uma fábula)  
 (80) Umw àmbátà kù bhátà dyà mànyà. (Leva-**o** a casa da mãe)

## b) Frases negativas

(81) Eye ku-**ngi-zolami**. (Tu não **me** amas)

(82) Ene ka **mwambela** kima. (Eles não **lhe** disseram nada)

## c) Oração subordinada

(83) Kixima kiki eme nga**kikándè**. (Este poço fui eu que **o** cavei)

(84) Kyoso Ky**usakana** ungitangela. (Quando **te** casares, avisa-me)

## d) Frase com locução verbal

(85) Eye wakexile mu ku **ngi-zola**. (Tu estavas a amar-**me**)

(86) Eme ngojuku-**a-zola**. (Eu amá-**los-ia**)

(87) Mwene wolo-**ngi-katula** o dilesu. (Estás a tirar-**me** o lenço)

(88) Mwene kenyoku-**mu-betê**. (Ele não costuma bater-**lhes**)

Segundo Miguel (2003: 57), na locução verbal, a anteposição do infixo ao verbo principal é permanente, independentemente de alternâncias frásicas que possam ocorrer, como negativa, por exemplo.

## a) Frases interrogativas

(89) Mukuani waka-**kú-dimina** o dibya? (Quem **te** há de cultivar o campo?)

(90) Eye wa-**ngi-tangela** yahe? (Por que **me** dizes isso?)

(91) Eye wadi kwama? (Magoaste-**te**?)

b) Frases com pronomes ou advérbios que, em português, obrigam à próclise verbal.

(92) Etu **tw**atakajanene. (Já **nos** encontramos)

(93) A-**ngi**sombola. (Alguém **me** insultou)

## 5 COLOCAÇÃO PRONOMINAL DO PORTUGUÊS DE LUANDA A PARTIR DO *RAP*

Para analisar a colocação pronominal no *rap* luandense, selecionaram-se algumas produções musicais de *rappers* circunscritos em Luanda: Flagelo Urbano, MCK, Naice Zulo e BC, Lizzy e Yannick Afroman. Nossos informantes são residentes em Luanda e explanam, nas suas músicas, o dia a dia do povo de Luanda.

Embora não tenhamos conhecimento de um trabalho específico sobre os estratos sociolinguísticos de Angola, consideramos que nossos artistas dominam a norma culta, isto é, o modelo de língua falado pelo grupo de pessoas mais instruídas dentro da pirâmide social da província de Luanda, já que os artistas que estudaremos, aqui, na sua maioria, têm uma formação superior concluída, como MCK, Flagelo Urbano e Lizzy.

Ressaltamos que, de forma alguma, estamos atrelando a formação universitária com uma relação intrínseca a dominar conhecimentos de forma geral ou uso da língua. Referimo-nos, apenas, ao tempo de estudo concluído e o acesso a uma instrução formal. Aliás, existem várias pessoas sem alto grau de escolaridade, mas são cultos, como por exemplo, Gangsta, um dos maiores ativistas do *hip-hop* angolano, que só estudou até a 4ª classe, no tempo colonial, mas ainda assim tem uma bagagem discursiva, crítica e analítica dos fenômenos sociais que acontecem, em Angola, que é, sem dúvida, impressionante. Outro exemplo é o ex-presidente do Brasil, Luís Inácio Lula da Silva, só para citar alguns.

### 5.1 DESCRIÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA DOS RAPPERS DA NOSSA PESQUISA

#### 5.1.1 Lizzy

Lizzy nasceu na província de Luanda e, a partir das informações repassadas<sup>7</sup> é licenciado em Direto e é, atualmente, professor auxiliar em uma das universidades de Luanda. Lizzy tem o português como língua materna e não fala nenhuma língua nacional de Angola, mas a língua materna dos seus pais é o kimbundu. Ele entende algumas palavras, mas não sabe falar kimbundu. Algo curioso a que ele faz menção

---

<sup>7</sup> Tivemos acesso às informações sociolinguísticas do rapper Lizzy e de outros que constam no nosso trabalho através de conversas pessoais pelas redes sociais *Whatsapp* e *Facebook*.

é o fato de que sua irmã mais velha, por ter muito mais idade do que ele, tem um domínio razoável do kimbundu, o que demonstra que, quanto mais velho for o luandense, mais chances de compreensão da língua materna dos pais. Lizzy é do bairro Terra Nova, Distrito do Rangel, e tem uma idade compreendida entre 25 – 30 anos.

### **5.1.2 MCK**

Nasceu em 1982, em Luanda, no bairro Chabá. Sua língua materna é o português, mas cresceu ouvindo sua mãe a falar várias as línguas nacionais de Angola. Segundo o que nos contou, sua mãe é poliglota e ele tenta transpor isso na sua música. Aliás, é dos artistas que mais faz para que o RAP angolano tenha a cara da Angola, incluindo fazer uso de palavras das línguas nacionais de Angola dentro das suas composições, como fez e muito bem na música “Eu sou Angola”, no álbum *Proibido ouvir isso*. MCK fala e entende kimbundu, mas não é fluente. A língua materna da sua mãe é o kimbundu, mas ela também fala umbundu e entende kikongo. É licenciado em Filosofia e Direito.

### **5.1.3 Flagelo Urbano**

Flagelo Urbano nasceu no Huambo, em 1981, e viveu lá até os 8 anos. Depois se mudou para o Lobito, Benguela. Concluiu o Ensino Superior em Engenharia de Som e “Direto”. Atualmente é mestrando em Direito. Sua língua materna é o umbundu, mas também entende kimbundu.

### **5.1.4 Yannick Afroman**

Yannick Afroman nasceu na província do Uíge. Muito provavelmente sua língua materna é o kikongo. É o único rapper angolano que venceu o “Top dos Mais Queridos”, o melhor concurso de premiação existente na música angolana.

Não tivemos informações adicionais sobre Naice Zulo e BC, para além de terem nascido em Luanda. Embora Yannick e Flagelo tenham nascido fora de Luanda, foi neste espaço que tiveram reconhecimento como artistas influentes e já

são residentes há um bom tempo em Luanda, fazendo parte da cena musical luandense.

## 5.2 A COLOCAÇÃO PRONOMINAL NO RAP LUANDENSE

Conforme apontamos anteriormente, selecionamos algumas canções de *rappers* angolanos para que levantássemos a realização da colocação pronominal nesse gênero musical. Começamos nossa descrição pelos artistas Naice Zulo e BC.

### Artista: Naice Zulo e BC

Obra selecionada: *Estado da Nação*

Músicas selecionadas: “Azar da Belita” e “Soba na cidade”

#### AZAR DA BELITA

- a) Eu já **te** disse, gerente.
- b) Alguém disse uma vez: “mulata que **te** faz?!”
- c) Quem não **te** via como rainha por causa da Unicef, quer dizer: Movitel.
- d) Em Angola ninguém mais está dormir, já amanheceu, se o JLO não **te** curte, epa, azar seu.
- e) Bilionária corrupta, o mundo está **te** ver.
- f) Casaste já com langa, agora só **te** sobrou macongo.
- g) Cantamos a **lhe** criticar, você é quê?
- h) Não, é mesmo para **lhe** criticar.
- i) Mas, agora, como tão **se** matar os gatunos, temos que apoiar para eles todos **se** matarem e Angola ter mesmo só já boas pessoas.

#### SOBA NA CIDADE

- a) Então **me** prepara já rede para **se** esfregar.
- b) **Me** tira daqui, não quero esse tipo de banhar.
- c) Banhar, banhar, afinal é só **se** molhar.
- d) Você não goza comigo: está mudar a minha frente? **me** mostrar o umbigo?
- e) Soba, na praia é mesmo assim, usa-**se** o fato de banho.
- f) Aqui não **se** banha com bubu, fica estranho.
- g) Aquela miúda está quase nua, se **lhe** violarem, assim vão falar que é azar?



- h) Nas escolas, só agora estão **nos** ensinar fiote. Culpa não é nossa deveriam **nos** ensinar isso antes.
- i) Está **me** falar de inglês?
- j) Quer **me** deixar cair?
- k) Essa escada vai **me** matar!
- l) Mais velho, aqui não é de **se** embutir.
- m) Num complica senão vou **te** deixar na paragem.
- n) **Me** dá passagem, eu vou voltar.
- o) Também está **se** achar com a cidade. Ouvi cidade, cidade, afinal é assim?
- p) **Se** olham nem **se** dão confiança, mas passamos o dia juntos. Aquele é só **se** saudar, má, na chegada e na ida também **se** despedir, mas não estavam juntos.

**Artista: Flagelo Urbano**

Obra selecionada: *Do Sião à Medina*

Músicas selecionadas: “Oralitura” e “Sémen Instável”

**ORALITURA**

- a) Braços que **se** elevam nos céus nesse chão costurados com o sangue dos meus.
- b) Pulam a passos largos, dançam embriagados pelo som, que **se** apodera da alma do jovem que executa o balafon.
- c) Vindos de toda parte partidos da Matamba imploram por canhongô no ritual da minha Umbanda imperativo primeiro que **se** toca o agogô.
- d) Eternos na humanidade que **se** move na fala.
- e) Disfarçadas nas brincadeiras da capoeira e maracatu. O senhor de olhos verdes e o sangue azul não via que o grito de liberdade no berimbau **se** escondia.

**SÉMEN INSTÁVEL**

- a) Quando os homens **nos** julgarem, a história **nos** absorverá e verá que fomos poetas empregados da fumaça levantada pelos tambores clamando liberdade na praça.

- b) Eles manipulam as imagens tal como fazem com as leis, encontram espaços e as interpretam como **lhes** convém.
- c) A revolução jamais será vista nessa TV que nada mais divulga senão o modo artificial de **se** viver.
- d) Quem questiona? Ninguém! Acompanhamos a manada, em direção aos homens de poder, que já não **nos** dizem mais nada.

**Artista: Yannick Afroman**

Obra selecionada: *Outros mundos*

Músicas selecionadas: “Alô, alô” e “Continua”

ALÔ, ALÔ

- a) Meu amigo ficava sempre no telefone, até muito tarde. Eu **lhe** perguntava: mas você não dorme?
- b) Estás viciado: - eu **lhe** dizia. Até que um dia, não maei: abri Facebook, Whtasap, Snap, Instagram, **se** paei.
- c) Quando estou com pouca carga e o fone desliga-**se**, **me** dói bué.
- d) Quando não tem nada, inventam, depois metem **nos** grupos está rolar, sujar tua imagem, **te** borrar.
- e) Comentários malignos tipo que são perfeitos quando ficam a **te** julgar.
- f) Meu kamba dizia: - cuidado na via, a net vicia, eu **lhe** ria, porque quem diria que um dia ficaria viciado, eu próprio não acreditaria.

CONTINUA

- a) Encontrei a dama, cara bem trancada, sentada no sofá da sala. **Me** disse: - **te** liguei várias vezes não atendeste por que? **Me** fala! Rospondi: - estava ocupado no salu foi muito trabalho. Ela **me** disse dá para ver até vesti camisola ao contrário.
- b) **Me** disse: não tens vergonha na cara nem mentir sabes mentir.
- c) **Lhe** disse: - Você exagera, nem a UGP controla o presidente assim. Só falta **me** por chip e GPS.
- d) Ela **me** disse para ir passear, é preciso **se** depelar? Escovar os dentes **se** meter bue-de-creme, perfume, fica aí **se** imprequetar, ahm?

- e) Você pensa que eu sou burra, né? Estás a **me** fazer de parva, né? Como já sou boela, não apanho nada é isso que tu pensas, né? (refrão).
- f) Depois não reclama! Ché dama, cuidado! Estás com muita febre ou malária? Ela **me** disse: - cuidado você que está sempre com infecção urinária.
- g) **Lhe** disse: - teu problema é esse, muito ciúme, até fico aflito. Ela **me** disse: - bonho, bonho, você sabe muito.
- h) Quando **te** ligam, não consegues atender, pensas que eu não dou conta.
- i) **Lhe** disse: apaguei porque foi um engano, não era para mim. Ela **me** disse engano?

**Artista: Lizzy**

Obra selecionada: *Terra Santa*

Músicas selecionadas: “Revelação” e “Beleza em mim”

**REVELAÇÃO**

- a) Fama é a doença que **nos** afeta a mente.
- b) Sejam bem-vindos à Terra Nova, bróh, no bairro onde esse puto recebeu ódio e amor. Foi lá onde descobri o poeta que sou e tive de **me** perder na cidade para encontrar o meu interior.
- c) Estranho é **te** sentires um estranho na tua residência.
- d) Meu brother **se** matou não sei o que **lhe** deu; mas é fácil julgar quando não estamos na pele do réu.
- e) Ela não engravidava e o velho **se** frustrava com tempo e quase sempre ele chegava tarde a casa. Até ela descobrir que o meu velho engravidou outra dama, (damn) mas ela num **le (lhe)** deixou porque honrava o compromisso que na igreja gerou.
- f) Por isso é que não **me** encontras no top dos rappers favoritos porque eu sou o rapper favorito dos desfavorecidos.
- g) É que o meu velho está com câncer (nigga, ham), mas ainda luta e não cansa (nigga) e é isso, meu mano, que **me** deixa um pouco descansado.
- h) Produtoras **me** queriam, mas eu preferi o meu quarto.
- i) Quando a oferta é boa demais, eu fico logo desconfiado. Nunca **se** sabe se estás assinar um pacto com o diabo.

- j) Vi a Terra Santa Nova no meio do tormento e hoje não há rapper que em 16 linhas eu não **lhe** atormento.

### BELEZA EM MIM

- a) Diz-**me**: o que é beleza de verdade? É aceitar padrões e rejeitar a minha identidade? Passar noite ao espelho desconfortável com a imagem, odiar o meu corpo e encher-**me** de maquilhagem?
- b) Rappers gabam-**se** que namoram com brancas como se pretas fossem algo inferior.
- c) Diariamente luto com estereótipos, eu sou gordo e elas dizem que não faço o seu tipo. Por isso, tornei-**me** num tipo angustiado, porque a sociedade pinta um quadro em que não **me** enquadro.
- d) Mano, o mundo vai **te** rotular com tudo. De nada adianta, estares cheio de estilo e vazio de conteúdo.
- e) Eles **me** querem mudar, querem pintar uma imagem em mim, dizendo quem eu sou, esse falso amor, mas sou imperfeito e nasci assim. Então, não vou mudar, não vou, eu tenho o melhor em mim. E Deus **me** fez assim, há beleza em mim (refrão).
- f) Minha mana, what's up, tens beleza natural: para que tanto make-up? **Te** sentes insegurança porque quem querias te rejeitou, mas saiba: não é preciso pintar algo que Deus desenhou.
- g) Odeias o teu lindo muzumbo e o nariz, vais a América afiná-**lo** e assim pensas ser feliz?
- h) Quebra corrente é um quadro valioso, é difícil **te** libertares se **se** prenderes em novelas da Globo.
- i) Essa é a imagem que tu queres pintar para mim, eu tou (estou) bem assim, não mudo nada em mim, Deus **me** fez assim.
- j) E é na tua formação que deves investir, não em cenas descartáveis que não **te** ajudam a progredir.

**Artista: MCK**

Obra selecionada: *Valores*

Músicas selecionadas: “Chamada grampeada” e “Associação de malfeitores”

**CHAMADA GRAMPEADA**

- a) Sinto-**me** honrado pela luta que implementas, admiro a tua coragem e esperança que alimentas.
- b) Desde já agradeço o carinho que nutres por mim. Amor **se** paga com amor e eu morri por ti.
- c) É meu dever proteger-**te** a distância. **Te** vigio, a todo instante, não importa a circunstância.
- d) Cuidado com a imprensa, eles querem-**te** mais pop.
- e) Além de adulto, és culto, tens versos são indultos, estão a **te** ver com vultos.

**ASSOCIAÇÃO DE MALFEITORES**

- a) Dei umas types para o Luaty gravar, **me** cobrou, era o início da amizade, hoje o gajo é meu bróh.
- b) Foi, no 94, que o hip-hop **me** bocuou.
- c) Da boa dose do xarope, a minha mente **se** antenou.
- d) Ninguém mais **nos** calou, ninguém mais **nos** separou.
- e) Cada um, no seu caminho, nosso caminho **se** amarrou.
- f) Imprensa **nos** desora, polícia só **se** bora, espanca, mata, prende, aí meu Deus, alaporras, páh!
- g) Só queríamos cantar o que **nos** aflige, mas regime sem juízo inventa lei que **nos** restringe.
- h) Não entramos nesse filme do artista que **se** oprime, contornamos com o youtube, enchemos seis vezes o Cine.

A partir do levantamento das realizações pronominais oblíquas átonas nas canções acima, pudemos chegar ao quadro abaixo:

**Tabela 1** - Quantitativo da colocação pronominal no RAP de Luanda

<b>Rapper</b>	<b>Próclise</b>	<b>Ênclise</b>	<b>Mesóclise</b>	<b>Total por cantor</b>
Naice Zulo e BC	30	1	0	31
Flagelo Urbano	10	0	0	10
Yanick Afroman	26	1	0	27
Lizzy	21	5	0	26
MCK	14	3	0	17
<b>Total geral</b>	<b>101</b>	<b>10</b>	<b>0</b>	<b>111</b>

Os dados da tabela (1), acima, mostram que no *rap* da província de Luanda, das 111 manifestações de pronomes oblíquos átonos, a preferência é pela próclise com 101 usos dos pronomes nessa posição. Em seguida, temos a ênclise com 10 usos e nenhum dado apontou para o uso da mesóclise.

Vejamos, então, como se dá a colocação desses pronomes.

No álbum de Naice Zulo e BC, na música “Azar da Belita”, nas orações

- (1) Eu já **te** disse, gerente.
- (2) Alguém disse uma vez: “mulata que **te** faz?!”
- (3) Quem não **te** via como rainha por causa da Unicel, quer dizer: Movitel.
- (4) Em Angola ninguém mais está dormir, já amanheceu, se o JLO não **te** curte, epa, azar seu.

A próclise foi bem empregada de acordo com a norma padrão vigente em Angola. Esse uso pode indicar tanto o domínio da norma padrão, como também uma tendência do português de Luanda de fazer uso da próclise que pode ser o resultado da interferência da língua kimbundu que marca o prefixo com função de complemento direto e indireto anteposto ao verbo, ou seja, antes do radical do verbo segundo Miguel (2003: 54)<sup>8</sup>.

<sup>8</sup> Indubitavelmente é preciso mais estudos linguísticos na área de descrição e análises contrastivas para que esta hipótese seja uma certeza.

Se há um “*bom uso*” da próclise, conforme prescreve a norma padrão, há também o uso da próclise em contexto que se esperaria uma ênclise, ainda mais em se tratando de início oração. Vejamos os dados retirados da música “Soba na Cidade” de Naice Zulo e BC.

(5) **Me** tira daqui, não quero esse tipo de banhar.

(6) **Me** dá passagem, eu vou voltar.

O mesmo uso pode ser visto em alguns versos de “Continua”, de Yannick Afroman, como em:

(7) **Me** disse: “não tens vergonha na cara nem mentir sabes mentir”.

(8) **Lhe** disse: “Você exagera, nem a UGP controla o presidente assim. Só falta-me por chip e GPS”.

Miguel (2003: 66) também atesta esse uso proclítico em contexto que se esperaria ênclise, como vemos em:

(9) **Te** vi ontem no Roque.

(10) Os nossos alunos, eles não têm hábitos de leitura de literatura científica. **Se** baseiam mais na leitura de novelas...

Outro contexto de uso dos pronomes oblíquos átonos que nos chama a atenção no *rap* angolano é o uso da ênclise quando se espera a realização da próclise, como vemos no dado (8) apresentado acima – verso de Yannick Afroman – e que repetimos novamente:

(11) **Lhe** disse: “Você exagera, nem a UGP controla o presidente assim. Só falta-**me** por chip e GPS”.

O que temos em (11) é o pronome oblíquo átono “me” sendo realizado em posição enclítica, quando a norma prescreve a próclise já que temos a presença de um advérbio antecedendo a forma verbal. Em Miguel (2003: 66) há, também, essa

realização de ênclise quando se esperaria, segundo a norma padrão, o uso de próclise:

(12) As propostas são as que encontram-**se**...

Quanto à seleção do pronome, vejamos como é realizada no rap angolano, tendo como exemplo um verso da música “Revelação”, de Lizzy:

(13) Ela não engravidava e o velho se frustrava com tempo e quase sempre ele chegava tarde a casa. Até ela descobrir que o meu velho engravidou outra dama, (damn) mas ela num **le (lhe)** deixou porque honrava o compromisso que na igreja gerou.

No exemplo (13) acima, notamos o uso do pronome “le (lhe)” como complemento do verbo “deixar”. Segundo Luft (2003: 168), o verbo “deixar” usado no sentido de abandonar algo/alguém, como vemos em (13), tem transitividade direta, isto é, exige um complemento direto. O pronome “lhe”, neste caso, não satisfaz essa prescrição da norma padrão.

No trabalho de Miguel (2003: 64) também há referências do uso do “lhe”, pronome típico de 3ª pessoa, mas indireto, em contexto que se esperaria a forma o/a/os/as:

(14) Passei na casa dela, mas não **lhe** vi.

Em nosso trabalho, não encontramos dados de mesóclise, o mesmo já apontado por Miguel (2003), embora tenhamos contexto para que ela pudesse ser realizada como vemos em um dos versos da música “Sémen Instável”, de Flagelo Urbano:

(15) Quando os homens nos julgarem, a história **nos** absorverá e verá que fomos poetas empregados da fumaça levantada pelos tambores clamando liberdade na praça.



No uso prescritivo da língua, a mesóclise seria usada no verbo no futuro e o pronome “ensanduichado”. Assim, seguindo uma norma padrão, teríamos:

(16) [...] a história absorver-**nos-á** [...]

Também notamos, assim como Miguel, que os pronomes o, a, os, as, no português de Luanda, estão apresentando uma tendência de desuso. Por exemplo, em nosso trabalho, encontramos apenas um caso do uso pronome “o” na forma “lo”, por se tratar de um verbo terminado em “r” (afinar). O dado é da música “Beleza em mim”, de Lizzy:

(17) Odeias o teu lindo muzumbo e o nariz, vais América afiná-**lo** e assim pensa ser feliz?

Das demais formas dos pronomes oblíquos átonos, não encontramos o uso de “vos”, o que também parece indicar um desuso dessa forma.

Tendo como norte o trabalho de Miguel (2003), parece-nos que nossos dados se aproximam dos contextos produzidos por outros angolanos da cidade de Luanda, mas em contextos diferentes do que a música rap. Para Miguel, muitos desses desvios do português de Angola, em específico de Luanda, pode ser resultado da influência e contato linguístico proveniente da língua kimbundu. “Embora nosso trabalho não tivesse uma proposta analítica”, concordamos com essa visão da autora e ratificamos a importância de novos estudos descritivos e analíticos de outras variantes sociolinguísticas para que se possa ter um quadro mais exaustivo e diversificado do que poderíamos entender como uma norma angolana e o papel das línguas africanas na formação dessa variedade de português.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em nosso trabalho, ficou evidente que a colocação pronominal do português de Luanda, dentro do gênero *rap*, apresenta “desvios” se comparada à norma europeia, a norma vigente em Angola.

Os “desvios” que apresentamos parece-nos similares aos mesmos apontamentos de Miguel (2003), que aproxima, pelo menos no que diz respeito à colocação pronominal,<sup>9</sup> o português angolano das influências ou interferências de traços da língua kimbundu presente na sociedade angolana e, em específico, em Luanda.

Pudemos notar que,, no *rap* angolano em análise,, a estratégia preferencial de colocação pronominal foi a próclise em detrimento da ênclise e da mesóclise. Ressalta-se, aliás, que não foi encontrada esta última estratégia em nossa descrição, o que pode apontar para um desuso da mesóclise, já bem perceptível no português angolano, Chama-nos a atenção que, em outras variedades do português, como a brasileira, não se atesta seu uso, agora restrito a contextos de escrita e fala extremamente controlados e formais.

Outro ponto que nos chamou atenção nos dados foi apenas uma realização dos pronomes oblíquos átonos a, o, as, os, na forma *lo*. Embora em Miguel tenha sido observado poucos casos, talvez por uma substituição dessas formas por *lhe/lhes*, ainda não temos evidências quantitativas de desuso dessa forma de forma completa. No entanto, mais uma vez, mostra-se uma aproximação com o que Miguel apontou para uma variedade de Luanda.

Ao final deste trabalho, fica, então, a urgência de trabalhos futuros que se proponham a descrever e analisar as diversas manifestações da língua portuguesa em Angola em seus diversos municípios para que possamos compreender como funciona nossa língua de maneira geral e suas particularidades regionais, mostrando a riqueza e a importância das línguas nacionais na composição de nosso português angolano.

---

<sup>9</sup> Ainda assim é necessário mais estudos para que essa hipótese seja, de facto, uma garantia.

## REFERÊNCIAS

- ARCARI, Thaís Martínez. É a cultura da rua, a voz da periferia. *Cultura crítica*, v.14, p. 56-62.
- CÁ, Lourenço Ocuni. Cultura escolar e os povos coloniais: a questão dos assimilados nos países africanos de língua portuguesa. *ETD*, v.13, n.1, 2010, p.207-224.
- INVERNO, Liliana. *Transição de Angola para o português vernáculo: estudo morfossintático do sintagma nominal*. In: CARVALHO, A.M. (ed.). *Português em contato*. Madrid, Frankfurt: Iberoamericana/Editorial Vervuert, 2009, p. 87-106.
- KIALANDA, Sozinho Kialunda. *Português de Angola como língua nacional: breves considerações sintáticas*. Monografia de conclusão de curso. Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2020.
- LÁZARO, Gilson; SILVA, Osvaldo. O hip-hop em Angola: o rap de intervenção social. *Cadernos de Estudos Africanos*, v.31,2016, p. 41-67.
- LUFT, Celso Pedro. *Dicionário prático de regência verbal*. São Paulo: Ed. Ática, 2003.
- MELO, Thiago Benitez de; SANTOS, Maria Elena Pires. Norma culta ou curta? Reflexões teóricas acerca do ensino de língua portuguesa. *Entreletras*, v.4, n.1, 2013, p.48-62.
- MIGUEL, Maria Helena. *Dinâmica da pronominalização no português de Luanda*. Luanda: Nzila, 2003.
- NETO, Miguel. *Debate sobre hip-hop angolano na sua essência no programa*. YouTube. Acessado em: 6/04/2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sKkvd5pDe28>
- SILVA, João Batista Teixeira da. Apresentação Hip-Hop. *Cultura crítica*, v.14, 2011, p.1-3.
- THÍFANE, Postali. O hip-hop estadunidense e a tradição cultural brasileira. *Cultura crítica*, v.14, 2011, p. 7-15.
- UNDOLO, Márcio. *Caracterização da norma do português em Angola*. Tese de doutorado. Universidade de Évora, 2014.
- ZAU, Domingos. *A Língua Portuguesa em Angola: um Contributo para o Estudo da sua nacionalização*. Portugal. Tese de doutorado. Universidade da Beira Interior, 2011.
- ARCARI, Thaís Martínez. É a cultura da rua, a voz da periferia. *Cultura crítica*, v.14, p. 56-62.

CÁ, Lourenço Ocuni. *Cultura escolar e os povos coloniais: a questão dos assimilados nos países africanos de língua portuguesa*. ETD, v.13, n.1, 2010, p.207-224.

INVERNO, Liliana. *Transição de Angola para o português vernáculo: estudo morfossintático do sintagma nominal*. In: CARVALHO, A.M. (ed.). *Português em contato*. Madrid, Frankfurt: Iberoamericana/Editorial Vervuert, 2009, p. 87-106.

KIALANDA, Sozinho Kialunda. *Português de Angola como língua nacional: breves considerações sintáticas*. Monografia de conclusão de curso. Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2020.

LÁZARO, Gilson; SILVA, Osvaldo. *O hip-hop em Angola: o rap de intervenção social*. Cadernos de Estudos Africanos, v.31,2016, p. 41-67.

LUFT, Celso Pedro. *Dicionário prático de regência verbal*. São Paulo: Ed. Ática, 2003.

MIGUEL, Maria Helena. *Dinâmica da pronominalização no português de Luanda*. Luanda: Nzila, 2003.

MELO, Thiago Benitez de; SANTOS, Maria Elena Pires. *Norma culta ou culta? Reflexões teóricas acerca do ensino de língua portuguesa*. 2013

NETO, Miguel. *Debate sobre hip-hop angolano na sua essência no programa*. YouTube. Acessado em: 6/04/2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sKkvd5pDe28>

SILVA, João Batista Teixeira da. *Apresentação Hip-Hop*. Cultura crítica, v.14, 2011, p.1-3.

THÍFANE, Postali. *O hip-hop estadunidense e a tradição cultural brasileira*. Cultura crítica, v.14, 2011, p. 7-15.

UNDOLO, Márcio. *Caracterização da norma do português em Angola*. Tese de doutorado. Universidade de Évora, 2014.

ZAU, Domingos. *A Língua Portuguesa em Angola: um Contributo para o Estudo da sua nacionalização*. Portugal. Tese de doutorado. Universidade da Beira Interior, 2011.